

Críticas *Div. Externa* à proposta de Clausen

12 DEZ 1985
730 21

HUGO MARTINEZ
Nosso correspondente

BUENOS AIRES — A visita de Alden W. Clausen, diretor do Banco Mundial, à cidade de Buenos Aires — que parece destino obrigatório de todo economista norte-americano — é interpretada de diversas formas. A Embaixada dos Estados Unidos, ao gosto de sua imaginação, segundo a qual Modigliani veio saudar seu amigo David Mulford em viagem de lua-de-mel e Paul Volcker veio à Argentina pescar, Alden Clausen chegou expressamente para conversar com o governo e empresários sobre a dívida externa e a fórmula proposta para a reativação econômica da América Latina. Um claro avanço em nitidez de objetivos.

Em várias tribunas especializadas, Clausen expressou a proposta do Banco Mundial: a cessão de créditos de rápido desembolso para setores eficientes de produção, e colaboração do Bird para que os bancos privados internacionais apoiem o investimento nos países altamente endividados. Como reciprocidade de esforços, quer que os países devedores formulem planos de ajuste realistas, reduzam o nível de participação do Estado na economia produtiva, facilitem o ingresso de capitais externos, estimulem a repatriação de capitais evadidos, e se libere paulatinamente o mercado nacional à produção estrangeira, como forma de induzir a eficiência da indústria local.

Esta receita, em grandes linhas, tem um nome conhecido: chama-se "Plano Baker", e já mereceu do presidente Sarney, do Brasil, e Alfonsín, da Argentina, a classificação de "insuficiente". O ministro da Economia Juan Sourrouille não mostrou entusiasmo diante da bolsa cheia de moedas do senhor Clausen, e logo que ele voltou a Washington o ministro assegurou: "Os argentinos que depositaram suas poupanças no Exterior não terão vantagens em relação aos que deixaram no país". Em linguagem direta, quer dizer que o dinheiro retornado terá de passar pela janelinha da Direção Geral de Tributos.

Os defensores, na ausência de Clausen, sentiram-se tocados pelas palavras de Sourrouille, que não foram suficientemente dóceis às insinuações do alto funcionário norte-americano. Outra falta de docilidade é a avaliação do ministro de que esses planos são, fundamentalmente, uma "reciclagem" de fundos originados nas altas taxas de juros atuais. "Cremos que recircular fundos gerados a uma certa taxa de juros é um passo adiante, mas não falar nessa recirculação, nas altas taxas, é preocupante."